

## EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E FILTROS BOLHA NA *INTERNET*: TECNOLOGIA, IDEOLOGIA E SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

ALEXANDRE HONIG GONÇALVES<sup>1</sup>

LIA MORETI E SILVA<sup>2</sup>

### RESUMO

A *internet* que é o substrato hegemônico das atuais plataformas de EAD, também é o lar de uma infinidade de dados, em que se fazem necessários o uso de *sites* de busca para se encontrar uma determinada informação requerida. Entretanto, os resultados são sumarizados e apresentados de maneira parcial, por meio da aplicação compulsória de filtros, que dificultam o acesso a informações equilibradas, por conseguinte, impactando o uso e fiabilidade da EAD. Assim, o objetivo deste artigo é discorrer de maneira lógica, científica e crítica acerca das correlações teóricas e pragmáticas que envolvem as temáticas da EAD e dos filtros bolha na *internet*.

**Palavras-chave:** *Google. Facebook.* Autonomia intelectual. Potencialidades humanas.

## DISTANCE EDUCATION AND FILTER BUBBLE ON INTERNET: TECHNOLOGY, IDEOLOGY AND KNOWLEDGE SOCIETY

### ABSTRACT

*The internet is the hegemonic substrate from current DE platforms, is also the home of an infinite number of data. So, those are needed to use a specific search sites to find required information. However, the results are summarized and presented in a partial manner, by applying compulsory filters, don't provide the access to balanced information, consequently impacting the use of DE. Therefore, the main objective of this article is to discuss logically,*

---

<sup>1</sup> Graduado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, SP; MBA em Gestão de Projetos pelo Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande, Especialização em Metodologia e Gestão de EAD pela Universidade Anhanguera UNIDERP de Campo Grande.

<sup>2</sup> Graduada em Administração e Comércio Exterior pelo Centro Universitário Eurípides de Marília, SP; Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Doutorado em Administração pela Universidade Nove de Julho, de São Paulo. Docente da UFMS/CPNA.

*scientific and critical about the theoretical and pragmatic correlations involving the themes of DE and bubble filters on the Internet.*

**Keywords:** *Google; Facebook; Intellectual autonomy; Human potential.*

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (EAD) é uma modalidade de ensino e aprendizagem que ao longo do tempo histórico recente vem sendo eficientemente adaptado a partir da apropriação e da inserção das tecnologias da informação existentes para se renovar e se manter ativo, tendo sua experiência legitimada e ampliada constantemente na medida de seu uso efetivo. Para além das mudanças sociais e conjunturais que favorecem a aplicação desta prática nos cenários em que esta segue presente (MOORE e KEARSLEY, 2007).

Paralelamente, com a promoção, popularização e uso de computadores pessoais e portáteis - neste conjunto inseridos: *notebooks*, *tablets* e, sobretudo *smartphones* - com acesso direto e irrestrito à internet, disponibilizou-se aos usuários da rede mundial de computadores um amplo rol de elementos digitais, em que - a princípio - seriam drasticamente eliminadas as barreiras e intermediações de acesso às informações, proporcionando ao sujeito social uma experiência autônoma e direta com os fatos e com o universo do conhecimento, nesse sentido, corroborando e fortalecendo a EAD como sendo uma prática de “educação sem distância”, frente à tangível possibilidade de onipresença no cotidiano dos indivíduos e organizações contemporâneas (TORI, 2010).

Assim sendo, a compreensão, condução e apropriação dos panoramas descritos nos dois breves parágrafos supracitados, descrevem como, contemporaneamente, vêm se norteando a ampliação do uso da *internet* como sendo o meio mais profícuo ao pleno desenvolvimento da EAD. Uma vez que este meio aglutinaria em suas plataformas digitais, as prerrogativas necessárias para a consolidação do cenário ideal de ensino e aprendizagem, tais como: acesso individual, remoto, veloz, dinâmico, interativo e seguro aos conteúdos

específicos e as atividades a serem desenvolvidas ao decorrer de um curso característico - livre, técnico, graduação, pós-graduação, etc.

Paralelamente, os cenários político-econômicos também possuem impacto direto nesta situação. Visto como, em tempos de crescimento e alargamento de mercados e demanda por profissionais qualificados, a EAD possui capacidade de se estabelecer de maneira rápida e prática a fim de aproveitar esta oportunidade, alcançando um amplo número de usuários em pouco tempo. E, mesmo na situação avessa, em que há algum tipo de crise ou ajuste no cenário, com conseqüente diminuição dos fluxos e recursos financeiros disponíveis, a EAD tem igual aptidão para se manter funcional, uma vez que os custos de implantação e manutenção são relativamente baixos frente à diluição dos custos com relação ao grande número de usuários, tornando-se, inclusive, uma opção válida e eminente para a qualificação adequada de profissionais que buscam se diferenciar e se inserir no competitivo mercado de trabalho (GONÇALVES e SILVA, 2014).

Em contrapartida, com relação ao substrato deste panorama: a *internet*, uma infinidade de dados, temas, artigos, fatos, versões, fotos, vídeos, músicas, etc., dispostos de maneira aleatória não seriam de grande valia e aplicação se não estiverem adequadamente organizados e disponíveis aos usuários. E, para responder a esta demanda os mecanismos de buscas foram desenvolvidos como sendo os guias de referência no rumo ao acesso à informação e ao conhecimento constantes no ciberespaço (ALMEIDA, 2013).

Nesse sentido, o *Google* e seus congêneres deveriam cumprir a função de direcionar com precisão, imparcialidade e segurança os usuários às informações que estes necessitam - uma vez que, até mesmo no ambiente acadêmico e científico estes buscadores têm sido largamente utilizados como ferramentas para busca de dados e pesquisas (ALMEIDA, 2013).

Todavia, este discurso idealizado é ilusório e enviesado e, em seu ápice, é potencialmente cerceador das possibilidades de liberdade e autonomia abertas pela *internet*. Pois que, as buscas por conteúdos feitas por meio dos mecanismos *on-line*, são ativamente e automaticamente mediadas - por meio de protocolos ultra-velozes - por filtros estabelecidos rigidamente a partir de buscas pretéritas do usuário, sendo organizadas pelo prestador de

serviço para oferecer resultados mais “satisfatórios, cômodos e próximos à realidade e ao perfil do usuário”, criando um filtro bolha personificado em que, no entanto, as informações dispostas e apresentadas ordenadamente não são neutras e, trazem atreladas consigo interesses políticos, ideológicos e comerciais corporativos de grandes empresas, governos e grupos de interesse (PARISIER, 2012).

Destarte, por não conhecermos e/ou escolhermos os critérios e parâmetros de filtragem que os *sites* de busca se utilizam para realizar seu trabalho, é possível compreendermos criticamente que as informações que nos chegam compulsoriamente por meio de um filtro bolha de *internet* são objetivamente: parciais, ideologizadas e comercialmente direcionadas unilateralmente, seguindo aos desígnios de confrarias exclusivas - notadamente estrangeiras, privadas e capitalistas (PARISIER, 2012).

Deste modo, interferem de maneira direta na capacidade dos indivíduos, das sociedades e das organizações de compreenderem os fatos e o mundo de maneira equilibrada; contorcendo, em igual medida, suas competências para tomadas de decisão mais adequadas em função de suas demandas e potencialidades legítimas. Isso porque as fontes e as informações apresentadas e elencadas aos usuários por meio do filtro bolha de *internet* trazem os informes adicionados e condicionados a interpretações não neutras (ALVES FILHO, 2000).

Evidentemente que este não é um quadro que assola e impacta unicamente aqueles atores e agentes envolvidos com a educação ou, exclusivamente com a EAD, mas sim, a toda sociedade (MASSON e MAINARDES, 2011). Entretanto, sendo a *internet* o ambiente predominantemente hegemônico das plataformas de ensino a distância contemporâneas, esse fenômeno e seus efeitos devem ser conectados e discutidos criticamente, para que se estabeleça qual é a realidade da situação do cenário e, que se compreendam seus pontos positivos, negativos e, sobretudo, quais são seus desdobramentos - teóricos, filosóficos e práticos - sobre a vida dos sujeitos e das organizações.

Diante deste contexto, o objetivo central deste artigo é discorrer de maneira lógica, científica e crítica acerca das correlações teóricas e pragmáticas que envolvem as temáticas da EAD e dos filtros bolha na *internet*.

Este é um texto fundamentalmente teórico e filosófico, em que o método de pesquisa adotado fora o indutivo, que a partir de dados específicos, são formuladas noções gerais sobre um determinado assunto. Além disso, configura-se como sendo descritivo, pois descreve as relações entre as variáveis examinadas sem, manipulá-las. A técnica de pesquisa foi a de levantamento bibliográfico em dados secundários, ou seja: efetuada em livros, artigos científicos, teses, dissertações, etc. (FACHIN, 2006).

Desde já, é importante destacar ao leitor que a opção epistemológica que nos induziu nesta pesquisa - que, por certo, não é a única que existe -, fora àquela crítica aos retóricos argumentos apresentados pelo *mainstream* sobre os assuntos deste trabalho. Assim sendo, nas laudas que se seguem estarão descritas as reflexões e implicações que envolvem o tema, a partir das perspectivas que os autores vislumbraram frente aos dados e discussões apresentados; considerando o objetivo central proposto.

Diante dos fatos supracitados - por hora -, resta indicar que estes são os elementos que conformam este artigo científico que, de agora em diante deve ser examinado, ponderado e, mesmo criticado, mas, sobretudo, intensamente utilizado como sendo uma fonte para formulação de reflexões e debates teóricos e acadêmicos e, em igual medida, para formulação e aplicação de ações positivas em prol de uma EAD mais equilibrada do ponto de vista técnico, científico e ideológico, para que a sociedade brasileira - e, mundial -, possam se utilizar desta modalidade de ensino/aprendizagem como uma fonte legítima e fiável a construção do progresso científico, econômico, cultural e político dos indivíduos e das organizações, da maneira mais criteriosa, ponderada e sensata possível.

## 2. DESENVOLVENDO ARGUMENTOS E REFLEXÕES

Enquanto usuários civis comuns, ao digitarmos um determinado termo em um *site* de buscas pela *internet*, obteremos quase que instantaneamente a apresentação de resultados escalonados em que acreditávamos ser a classificação mais relevante com base nos links feitos por outras páginas, sendo estabelecida - no caso do *Google* -, por meio do algoritmo da companhia denominado: *PageRank* (WILLS, 2006). Entretanto, segundo Parisier (2012), essa crença já não é mais verdadeira, uma vez que o *site* pasteuriza, filtra e padroniza os resultados, indicando páginas em que o usuário terá mais probabilidade de clicar, segundo os cálculos do mecanismo e os interesses específicos da empresa.

Isso é feito utilizando-se de sinalizadores pré-estabelecidos pelo *site* de buscas e alimentados compulsoriamente por meio do perfil de navegação do próprio usuário. Desta forma, desde o lugar em que este está conectado, que tipo de navegador está utilizando, em que tipo de dispositivo está conectado à rede, tudo passa a compor a construção de um filtro bolha, a fim de apresentar e induzir o usuário a determinado tipo de resultado. Ou seja: os conteúdos apresentados seguirão de maneira personalizada. Portanto, já não há um *Google* único e, cada usuário irá se deparar com resultados diferentes, a partir de um mesmo estímulo de busca (PARISIER, 2012).

Um fato ostentado como sendo mais uma maneira engenhosa e tecnológica para facilitar a vida das pessoas em seu cotidiano, traz consigo sérios riscos de manipulação de pensamentos e práticas a partir de interesses externos, em que empresas privadas e governos são quem estabelecem estes parâmetros e indicadores de comportamento, cercando e conduzindo o usuário a tomar determinadas ações de maneira “consciente”. Pois, cada vez mais o monitor dos aparelhos conectados a *internet* reflete os “próprios interesses” do usuário. Entretanto, esta percepção se deve, justamente, porque os mecanismos de busca são parciais, adequando-se - e, direcionando - a visão e a percepção da realidade em que cada indivíduo se insere - ou, é inserido.

Adicionalmente, há de se indicar que este tipo de mecanismo é utilizado em igual medida também pelo *Facebook* - e, em absolutamente todos os *sites* e redes sociais *on-line* com grande volume de acessos. Assim, a *internet* que em seu princípio fora um meio anônimo, em que qualquer pessoa poderia ser quem quisesse, transformou-se em uma ferramenta dinâmica dedicada a extrair e analisar importantes dados pessoais dos usuários, definindo e reduzindo a complexidade do ser humano a dados pré-concebidos e manipulados com finalidade utilitarista, ou seja: agora, é a ferramenta que molda o usuário, estabelecendo e definindo dramaticamente o que se é e/ou quem se deve ser, a partir das escolhas que nos são possibilitadas e compelidas.

Essa situação e atitude deveriam ser compreendidas - pelo menos - como sendo desconfortáveis ao usuário da *internet*, uma vez que podem se caracterizar tecnicamente como sendo ciberespionagem e invasão de privacidade, com motivações específicas e voltadas à obtenção de segredos comerciais, industriais, além de conhecimento sensível e estratégico (WENDT, 2005).

Uma vez que a noção de conhecimento sensível e estratégico é particular, pois, para uma grande organização este pode se caracterizar como sendo projetos tecnológicos inovadores de grande valor econômico-financeiro, entretanto, a um usuário civil comum, seus dados pessoais e bancários é que estão elencados neste rol. Desta forma, visto como os métodos e os *softwares* destinados a tal função - extração de dados e ciberespionagem - atuam de maneira intermitente, ávida e mimeticamente camuflada, colocam em risco a segurança e a fiabilidade das informações de maneira geral. Contudo, o forte discurso retórico e tendencioso apresentado pelas empresas detentoras desta prática é tão proeminente que, ideologicamente somos doutrinados a consentir e aprovar o feito como sendo banal e costumeiro (ALDEIAS, 2012).

Nesse sentido, a saber, que:

A segurança da informação e comunicação não está restrita apenas a sistemas computacionais, e informações eletrônicas (...). Ela está relacionada com a proteção existente ou necessária sobre dados, informações ou documentos que possuem valor para alguém ou uma organização. A segurança é obtida através de padrões e medidas de proteção capazes de neutralizar ameaças contra alguém ou alguma coisa. Possui

como propriedades básicas: disponibilidade, integridade, confidencialidade e autenticidade da informação (BRASIL, 2011, p. 4).

Por conseguinte, ganha ainda mais importância às utilizações ética, segura e legal das tecnologias digitais da *internet*, visto como seu uso inadequado ou malicioso pode estabelecer vulnerabilidades que comprometam virtualmente e materialmente indivíduos, instalações, serviços e bens, comprometendo as propriedades básicas da informação (BRASIL, 2011).

Por sua vez, essas ações de caráter evidentemente comercial, estabelecem e reforçam também paradigmas ideológicos e, a pregação dos grupos de interesse que exploram estas ferramentas são uníssonos em prol da ampliação e aprofundamento destas técnicas, que, inclusive, já prosseguem no sentido de que a *internet* deva gravitar - cada vez mais - em torno do indivíduo - essencialmente compreendido e definido como: consumidor -, até chegar ao ápice de que os *sites* indiquem o que os usuários devem pragmaticamente fazer, comprar, seguir e “curtir”. Estes são argumentos e reflexões tão extremadas que beiram ao universo fantástico e ficcional, entretanto, são situações e fenômenos que já estão em voga.

Adicionalmente, por ideologia, neste caso específico, devemos compreender que o sentido a se atribuir ao termo é o estabelecido por Marx e Engels (1986), que indica que esta é uma inversão produzida a partir da imagem que a realidade social oferece de si mesma quanto aos seus fundamentos e, por conseguinte, corresponderia às ideias que ocultam a dominação na qual a ordem social se converte na relação com os indivíduos. Assim, a ideologia é a representação da realidade que a classe econômica e politicamente dominante nesta sociedade produz, reproduz e impõe a todos os demais extratos sociais, com o objetivo de garantir sua posição de classe dominante (SOUSA FILHO, 2011).

Por sua vez, toda essa personificação poderia estar restrita a oferta de propaganda e conteúdo comercial, contudo as notícias também estão sendo vinculadas de maneira parcial, utilizando-se de filtros que evidenciam apenas uma face dos fatos. Deste modo, o fluxo de informações via *internet* - por meio de *sites* de notícias, blogs, redes sociais, vídeos, etc. -, igualmente vão sendo moldados a partir de perspectivas exclusivas e externas, que, por sua

vez, vão orquestrando a vida das sociedades a partir de premissas definidas de maneiras arbitrárias, subjetivas e unilaterais (LANCEFIELD et. al., 2011; LEMLEY, 2009).

Desta feita, congregados e ativos, esses mecanismos criam um universo de informação exclusivo para cada usuário, o que altera fundamentalmente o modo como são recebidas e interpretadas as ideias e as informações disponíveis, alienando e extirpando o ser social de sua capacidade de pensar e compreender a complexa realidade da qual faz parte (CARTER, 2012).

Além de que ao vislumbrarmos o caráter evidentemente mercantil-capitalista do fenômeno, nem sequer nos damos conta; adentramos e/ou abordamos de maneira contundente e racional o fato de que não sabemos o que mais é feito com esses dados; por quem e com qual objetivo - tamanha é a obscuridade e assimetria nesta relação.

Esse fenômeno teórico - denominado como: assimetria de informação - não é novo e já fora descrito por Akerlof (1970) a partir de outras experiências. No entanto, esta consiste no fato de que determinado agente possui e dominada muito mais informações sobre o objeto da relação de que seu interlocutor - ou, cliente -, configurando uma falha na relação e no mercado. Nesse cenário, podem ser ocultadas características negativas ou nocivas de uma determinada situação ou produto, estabelecendo um grande risco ético e moral para transação e, sobretudo, acerca dos resultados desta troca ao longo do tempo (PINDICK e RUBINFELD, 2005).

Assim sendo, é possível compreender que neste cenário há inúmeras contradições e paradoxos que devem ser explorados e pensados criticamente, uma vez que perfazem o ambiente em que se insere o processo de ensino e aprendizagem da EAD - não exclusivamente, mas, evidentemente: intensamente.

Neste sentido, a *práxis* educativa associada, também, a EAD por si só já é uma forma de reforço ideológico uma vez que se transmitem os conhecimentos e os valores fundamentais necessários à edificação de um determinado cenário social, político e econômico. Assim, esta educação é o mecanismo por meio do qual as concepções acerca do funcionamento social são transmitidas aos indivíduos, com relação a temas sensíveis, tais como: trabalho, política,

religião, gênero, etc. (PINHO, 2009). No caso da EAD, esta situação é facilitada, pois o aluno está mais diretamente interconectado com as ferramentas de busca da internet e, por conseguinte, com os conteúdos filtrados a partir de interesses externos.

Especificamente, também é por meio desta educação ideologizada - formal, informal, presencial, EAD, etc. - que os indivíduos internalizam os valores da classe dominante. No capitalismo, é - justamente - por meio desta educação utilitarista que se moldam os indivíduos subordinados passivamente aos desígnios do mercado (PINHO, 2009). Que são indicados como sendo representantes exclusivos dos interesses universais da sociedade em questão - mas que, todavia, não o são.

Mas, qual é o impacto de todo este cenário descrito até o presente momento?

A ampliação e o fortalecimento de vários tipos de meios de comunicação, mas, sobretudo o intensivo uso da internet, transfigurou ao longo do Século XX o modo de como se interagem os fatores produtivos da economia (capital, terra e mão de obra), adicionando o fator conhecimento a esta dinâmica produtiva capitalista. Assim sendo, o conhecimento passou a ser o elemento central das novas estruturas econômicas e a exercer fortíssima influência sobre o nível de desenvolvimento dos indivíduos, das empresas e, em igual medida, dos países detentores deste elemento (BALUÉ e NASCIMENTO, 2006).

Portanto, o cenário contemporâneo - pautado pela globalização de mercados e pela inovação tecnológica -, possibilitou a consolidação do conhecimento como sendo um importante diferencial competitivo internacional, sensível e, sobretudo, imprescindível a qualquer empreendimento e atividade.

Portanto, os conhecimentos adquiridos dentro dos espaços científico e acadêmico - inclusive na EAD -, devem ser construídos e, posteriormente, explorados de maneira autônoma, sem intervenientes ideológicos externos e, sobretudo sem filtragem, avaliação e monitoramento por parte de agentes privados e governamentais estrangeiros que se utilizam da *internet* para conduzir segundo seus interesses, dificultar o alcance de objetivos antagônicos aos seus ou, ainda, de se apropriar indevidamente de conhecimentos sensíveis, com alto valor estratégico.

As implicações desta concepção no âmbito da EAD - e, do campo educacional como um todo -, podem ser assim estabelecidos: a) disseminação de instituições educacionais que ofertam programas de qualificação e/ou formação acadêmica aligeirada ou fundamentada exclusivamente na profissionalização dos sujeitos; b) o conhecimento não é compartilhado livremente, uma vez que a noção adotada é aquela que se limita a transmitir informações úteis apenas à demanda do contexto produtivo; c) a plena formação humana pode ser dificultada, eventualmente impossibilitando que a educação se constitua plenamente como sendo um instrumento de emancipação humana; d) reprodução acrítica dos princípios e ideologias que regulam a sociedade capitalista, dificultando a realização de um projeto educativo que venha a contribuir para observação de uma sociedade mais equilibrada (MASSON e MAINARDES, 2011).

Ou seja: o diferencial competitivo de um indivíduo, de uma empresa ou um país, deve estar relacionado não somente à informação desenvolvida, acumulada e compartilhada ou da capacidade das pessoas transformarem essas informações em conhecimento, mas, também, à necessidade de protegê-los adequadamente (BALUÉ e NASCIMENTO, 2006), com a finalidade de que seus esforços legítimos os dirijam rumo ao progresso científico e à emancipação - humana, social, política, econômica, ambiental, cultural, etc. - das coletividades e dos países de maneira positiva em que sejam rompidas as bolhas de conteúdo pré-determinados e, exclusivamente comerciais.

Entretanto, há de se ressaltar que a instrumentalização dos sujeitos sociais com os conhecimentos técnico-científicos produzidos de modo independente, não significa que a profissionalização e preparação destes para o trabalho venha a ser menos importante - esta inclusive é uma condição complementar e, não, excludente. Todavia, não deve ser a única a ser tomada em consideração, uma vez que, por si só, esta seguiria intrinsecamente vinculada à efemeridade e instabilidade dos mercados (MASSON e MAINARDES, 2011).

Mas, mesmo que teoricamente, de que forma é possível fazer isto?

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de respondermos ao questionamento circunscrito ao final do tópico sobre a articulação dos argumentos e reflexões, cabe destacar que, por princípio, o objetivo proposto para este trabalho era o de discorrer de maneira lógica, científica e crítica acerca das correlações teóricas e pragmáticas que envolvem as temáticas da EAD e dos filtros bolha na *internet* e, assim o fizemos. Por conseguinte, não há neste texto o intento de se convencer e/ou converter ao leitor em prol do exclusivo pensamento e reflexão acerca das premissas expostas em nosso trabalho, uma vez que o convencimento e a condução do intelecto e das ações alheias é uma falta de respeito, visto como é uma tentativa de colonizar os pensamentos do outro - justamente o que advogamos de forma contrária - e, isso, por opção ideológica, não o faremos de modo algum. Portanto, ao tomar nota do conteúdo desse texto, busque pensá-lo de maneira crítica, abrangente e aplicada ao contexto social e tecnológico que o cerca.

Assim sendo, compreendemos serem possíveis - mesmo que teoricamente - dois caminhos para que os filtros bolha da *internet* tenham seus impactos minorados com relação à educação e, especialmente à EAD:

1. Discussão em ambiente acadêmico sobre o tema: *a priori*, tomar ciência e divulgar o fato; apresentar de maneira qualificada, direta e didática aos usuários da *internet* que se utilizam desta como forma exclusiva de balizar suas escolhas e, principalmente, referenciar seus estudos e pesquisas - presenciais ou EAD -, quais são as perspectivas teórico-metodológicas e discursos científicos mais equilibrados sobre o tema. Esta ação deve por si só - de maneira direta e indireta - trazer a este sujeito social a noção acerca dos vieses que acompanham as informações providas pelos *sites* de busca e redes sociais. Assim sendo, possibilitando que este indivíduo obtenha a livre faculdade de decidir se utiliza e, de que forma utiliza estes dados, estando ciente, sobretudo, deste filtro bolha, como funciona e quais são seus impactos;

2. Aplicação efetiva de políticas públicas direcionadas ao tema: que estabeleçam marcos regulatórios aplicáveis - tecnicamente - e, em igual medida, apropriados aos interesses nacionais - dos indivíduos e organizações -, que se utilizam da *internet*. Por meio da difusão de informações sobre o tema e, fortalecimento das técnicas e instituições que atuam na defesa das informações virtuais e conhecimentos gerados - e correntes - no país, inclusive adotando condutas contra inteligência cibernética. Evidente que esta ação não garante a neutralidade das informações dispostas na *internet*, pois, com esta, igualmente, estes dados estarão susceptíveis a “interpretações”. Todavia, esta postura busca edificar barreiras críveis para manipulação destes dados por agentes com interesses externos e desconhecidos - que, é justamente o que ocorre contemporaneamente e, que deve ser evitado.

Destarte, apesar das indicações feitas neste tópico em específico, o assunto não se encerra em si próprio, uma vez que este traz consigo inúmeros temas que se entremeiam de maneira dinâmica, mas, por meio de segmentações técnicas e teóricas distintas. De tal modo que as correlações entre a EAD e os filtros bolha da *internet* que foram conjugados neste artigo não esgotam o tema, mas, sim, conformam o gérmen para novas discussões e pesquisas científicas que avancem com relação a questão e, que, ao longo do tempo, tragam um entendimento cada vez melhor para se lidar com o fato. Fazendo a EAD cada vez mais equilibrada do ponto de vista técnico, científico e ideológico, para que seus usuários possam desfrutar deste método como uma fonte legítima e fiável a construção do progresso científico, econômico, cultural e político; da maneira mais criteriosa, ponderada e sensata possível.

Por fim, compreendemos que a não aceitação dos filtros bolha da *internet* no cotidiano dos usuários da EAD, é essencial para o estabelecimento de outro tipo de formação acadêmica. Com princípios mais elevados, em que se possa ser aberto e pavimentado um caminho relativamente mais autônomo, que propicie o bem-estar material e a inserção do indivíduo no mercado, mas, de maneira intelectualmente consciente; fomentando a igualdade

econômica e social das coletividades, permitindo o pleno desenvolvimento das potencialidades do sujeito em questão (BORON, 2003).

#### 4. REFERÊNCIAS

AKERLOF, G. A. *The Market for lemons: quality uncertainly and the Market mechanism*, *Quarterly Journal of Economics*. v. 84. 1970.

ALDEIAS, M. Cookies: uma ameaça à privacidade. FEUP. Universidade do Porto. Porto, 2012.

ALMEIDA, M. A. *Internet: um olhar sob os bastidores da rede*. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.** v. 4. n. 1. 2013.

ALVES FILHO, A. A ideologia como ferramenta de trabalho e o discurso da mídia. **Rev. Comum**. v. 5. n. 15. Rio de Janeiro, 2000.

BALUÉ, I. G.; NASCIMENTO, M. S. O. Proteção do conhecimento: uma questão de contra inteligência do Estado. **Revista Brasileira de Inteligência**. v. 2. n. 3. ABIN. Brasília, 2006.

BORON, A. A. *El Estado y las “reformas del Estado orientadas al mercado”*: los “desempeños” de la democracia en América Latina. In.: KRAWCYK, N. R.; WANDERLEY, L. E. **América Latina**: Estado e reformas numa perspectiva comparada. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Segurança da informação e comunicações: responsabilidade de todos. Brasília: MTE, SPOA, CGPGE, 2011.

CARTER, B. *Contagious content: what people share on Facebook and why they share it*. Marketo. San Mateo. 2012.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 5ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GONÇALVES, A. H.; SILVA, L. M. EAD no Brasil: perspectivas positivas acerca do tema diante da conjuntura econômica nacional contemporânea. **Paidéia: Revista Científica de Educação a Distância**. v. 6. n. 10. 2014.

LANCEFIELD, D.; AMBER, M.; RAUBER, M.; PATEL, R. *Research into consumer understanding and management of internet cookies: the potential impact of the EU Electronic Communications Framework*. DCMS. London, 2011.

LEMLEY, R. *What is an RSS Feed e why is it so important?* 2009. Disponível em: [www.graymatterminute.com](http://www.graymatterminute.com) (Acessado em: 10.09.2015 às 14h52min).

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 5ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MASSON, G.; MAINARDES, J. A ideologia da sociedade do conhecimento e suas implicações para a educação. **Rev. Currículo sem fronteiras**. v. 11. n. 2. 2011.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação à distância - uma visão integrada**. 1ª Ed. São Paulo. Thomson Learning, 2007.

PARISIER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PINDICK, R. S.; RUBINFELD, D. L. **Microeconomia**. 5 ed. São Paulo. Ed. ABDR, 2005.

PINHO, M. T. B. Ideologia, educação e emancipação humana em Marx, Lukács e Mészáros. **ANAIS: XII Conferencia Anual IACR: International Association for Critical Realism.** Niterói, 2009.

SOUSA FILHO, A. Ideologia e transgressão. **Rev. psicol. polít.** vol.11. n.22. São Paulo, 2011.

TORI, R. **Educação sem distância - as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem.** 1ª Ed. São Paulo. SENAC SP, 2010.

WENDT, E. Ciberguerra, inteligência cibernética e segurança virtual: alguns aspectos. **Revista Brasileira de Inteligência.** n. 06. ABIN, 2005.

WILLS, R. S. *Google`s PageRank: the math behind the search engine.* North Carolina State University, 2006.

## Alexandre Honig Gonçalves

Graduado em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, SP (2008); MBA em Gestão de Projetos pelo Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande, MS (2010); Especialização em Metodologia e Gestão de EAD pela Universidade Anhanguera UNIDERP de Campo Grande, MS (2012).

## Lia Moreti e Silva

Graduada em Administração e Comércio Exterior pelo Centro Universitário Eurípides de Marília, SP (2003); Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2006); Doutorado em Administração pela Universidade Nove de Julho, de São Paulo (2015). É docente da UFMS/CPNA.

Artigo recebido em 23/09/2015

Aceito para publicação em 28/12/2016

### Para citar este trabalho:

**GONÇALVES, Alexandre Honig; SILVA, Lia Moreti da. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E FILTROS BOLHA NA *INTERNET*: TECNOLOGIA, IDEOLOGIA E SOCIEDADE DO CONHECIMENTO. Revista Paidéi@. Unimes Virtual. Vol.9- Número 15. Janeiro - 2017. Disponível em:**

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=index>

Acesso \_\_/\_\_/\_\_